

Cadernos Barruel 15 - 1986

- [AS ARMADILHAS DO SIMBOLISMO: O CASO DE JEAN HANI](#)

AS ARMADILHAS DO SIMBOLISMO: O CASO DE JEAN HANI

O simbolismo é a utilização de elementos materiais para evocar e fazer compreender melhor as realidades espirituais: é, portanto, um procedimento comum a todos os tempos, todos os povos, todas as religiões.

O Cristianismo, também ele, recorreu ao simbolismo para expressar suas próprias realidades, e o fez servindo-se de elementos naturais universais.

Percebe-se facilmente quais ambiguidades pode encerrar tal recurso, e será necessário publicarmos em breve um estudo sobre esta importante questão do interesse e do perigo do Simbolismo. Mas hoje nos encontramos, para além da ambiguidade natural, diante de uma utilização voluntariamente turva e destinada a favorecer o deslizamento, a partir do simbolismo cristão, para um Simbolismo gnóstico, panteísta.

O [artigo sobre a subversão da ideia de criação na obra de Jean Borella](#), publicado no boletim n.º 13, já forneceu vários exemplos desse uso fraudulento.

Outro caso dos mais interessantes é o de Jean Hani, helenista universitário, especialista da religião grega e membro do Centro de Estudos das Mitologias da Universidade de Paris Nanterre.

UM DUPLO SIMBOLISMO

O Senhor Jean HANI publicou outrora duas obras que obtiveram certo sucesso entre os católicos de tradição: "*O Simbolismo do Templo Cristão*" e "*A Divina Liturgia*".

Nós as lemos com toda a atenção necessária: fomos primeiramente impressionados pelo conteúdo gnóstico desses livros; em seguida, um exame mais preciso permitiu-nos reconhecer no Senhor Jean HANI um verdadeiro discípulo de René GUENON. Soubemos também que ele participava de Encontros, Colóquios esotéricos em companhia dos Senhores Jean BORELLA, Daniel COLÔNIA, Fritshof SCHUON e outros guenonianos bem conhecidos.

Tal situação deveria ter posto em guarda os cristãos e sobretudo os padres contra uma leitura tão perigosa. Infelizmente! sabemos por experiência que nossos amigos tradicionais mergulham, de cabeça baixa e olhos fechados (por assim dizer), em toda uma literatura esotérica que lhes parece a quintessência da Mística; eles não veem que esses senhores os Gnósticos lhes armam uma

armadilha tão velha quanto o Cristianismo: fazer passar através de fórmulas simbólicas toda a doutrina panteísta e fundamentalmente anticristã dos primeiros gnósticos.

O Senhor Jean HANI distingue dois simbolismos:

1. Um Simbolismo de ordem teológica, aquele que é ensinado através da Revelação e da Liturgia cristã desde a origem da Igreja e que todos os cristãos batizados conhecem bem: a água do batismo, o pão eucarístico, o lírio da pureza, o sangue dos mártires, etc. Ele corresponde, nos diz o Senhor HANI, a um primeiro sentido da palavra Tradição, aquele que designa "os cânones eclesiásticos próprios da arte cristã como tal".
2. Um Simbolismo de ordem cosmológica, que corresponde a um outro sentido da palavra Tradição, aquele que designa "os cânones universais da Arte Sacra, deduzidos dos conhecimentos metafísicos".

Uma primeira observação se impõe de imediato: o Simbolismo da Igreja é apresentado como um uso particular, local, de um Simbolismo mais universal, não ensinado pela Igreja, mas extraído ou "deduzido" de uma Metafísica. Veremos ao longo do livro que essa Metafísica não é outra coisa senão o eterno panteísmo dos Gnósticos e o demonstraremos com as citações mais claras e mais convincentes.

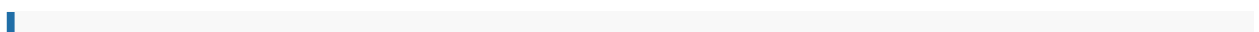
O Simbolismo teológico que o autor descreve é de fato o da Igreja católica e ele então acumula as referências escriturísticas e as dos Padres da Igreja para mostrar bem que seu propósito é ortodoxo; mas no decorrer do capítulo, ele desvia seu discurso para o Simbolismo cosmológico, sem aviso prévio, poderíamos dizer.

Nesse momento, ele não fornece mais nenhuma referência explícita. Quando se trata desse Simbolismo, na verdade panteísta, a Tradição da Igreja não lhe fornece mais referências ortodoxas. Mas o Senhor HANI conhece muito bem as numerosas referências que ele poderia ter emprestado dos Gnósticos dos primeiros séculos. Elas são enumeradas ao longo de páginas no "*Contra Haereses*" de Santo Irineu. Ele se guarda, no entanto, bem de citá-las, pois então seu propósito não pareceria mais totalmente ortodoxo.

Ele retém apenas algumas fórmulas de escritores não condenados, mas impregnados de neoplatonismo, como Dionísio, o Areopagita (o pseudo-Dionísio), autor eclesiástico por muito tempo confundido com São Dionísio e cujo prestígio por isso fora grande na Idade Média, e São Clemente de Alexandria, de quem falaremos novamente. Essas são as referências habituais do Senhor Jean BORELLA. Quanto ao resto, o leitor fica reduzido a consultar a bibliografia no final do volume, que é totalmente sugestiva: encontram-se ali sobretudo autores maçons.

É preciso concluir que o primeiro Simbolismo é de fato o Ensino constante da Igreja e que o segundo foi introduzido sub-repticiamente por nossos gnósticos modernos. Ele não pertence à Tradição da Igreja, que o rejeitou desde os primeiros séculos. É porque ele é desconhecido hoje que o Senhor Jean HANI e seus amigos guenonianos podem lhe dar um prestígio novinho em folha e de aparência ortodoxa.

Mas há mais:



"Os símbolos teológicos, nos diz o Senhor HANI, na maioria das vezes só são compreensíveis por referência a símbolos cosmológicos que lhes são subjacentes e, por assim dizer, os sustentam, e isso pela razão bem simples (1) de que o Homem, estando imerso no mundo sensível, deve reencontrar o divino através da "figura" desse mundo, justamente com a ajuda da Arte".

Os Padres da Igreja não haviam compreendido que cada símbolo tem uma dupla significação, aquela que é ensinada por eles e uma outra, secreta, esotérica, que eles não ensinaram, de modo que seus símbolos são incompreensíveis para aquele que não tiver estudado a Metafísica de René GUENON.

Os símbolos cosmológicos são os verdadeiros símbolos, pois são universais e necessários, enquanto os Símbolos teológicos são uma forma particular, própria da Igreja, portanto não marcados por um caráter universal. Eles têm um sentido exotérico, qualquer um, banal, sem interesse, e é por isso que, nos diz Jean HANI, *"Tentaremos reencontrar o Simbolismo cosmológico subjacente"*, o verdadeiro, portanto, aquele para o qual o livro foi redigido. Ensinar aos Cristãos que a Igreja ignorou desde sempre o verdadeiro sentido dos Símbolos que ela nunca compreendeu bem e que ela, portanto, utilizou em sentido contrário. Estamos aqui em plena Gnose maçônica.

“É preciso, nos diz René GUENON, restituir à doutrina do Catolicismo integral, sem nada mudar na forma religiosa sob a qual ela se apresenta exteriormente (exoterismo), o sentido profundo que ela tem em si mesma (esoterismo), mas do qual seus representantes atuais parecem não ter mais consciência, assim como de sua unidade essencial com as outras formas tradicionais...” (citado em *"De la Gnose à l'Oecuménisme"*, página 46).

A Maçonaria também nos diz: *"Todas as Religiões que existiram até agora tiveram um fundo de verdade (esoterismo) e todas o cobriram de erros, corromperam-no e misturaram-no com ficções "exoterismo" (id. p. 32).* Eis as verdadeiras fontes do Simbolismo do Senhor Jean HANI.

O CASO DE SÃO CLEMENTE DE ALEXANDRIA

Ignoramos tudo sobre a vida de São Clemente de Alexandria. Nós o conhecemos apenas por suas obras, em particular, os *"Stromata"*. Segundo São Clemente, a Gnose pressupõe a fé, mas a supera. Ela acrescenta a essa fé a inteligência das verdades, até uma ciência infalível, ou perfeita compreensão. O Gnóstico crê e sabe. Ele chegou, por sua ascensão da alma, até a perfeição. Ele contempla a Deus: é a *"Theoria"* ou *"Epopteia"*.

Mas a linguagem de São Clemente é muito equívoca: pela palavra *"theoria"*, ele designa ora a visão beatífica no além, ora a contemplação sobrenatural, ora o conhecimento racional de Deus. Ele está impregnado de neoplatonismo. Encontramos nele ideias justas, erros, textos confusos e incertos, e uma luz difusa que não permite apreender os contornos reais de seu pensamento.

O Padre LEBRETON, S. J., assinala que *"São Clemente se abandonou ao entusiasmo de seus mestres por uma vida isenta de paixões, fixada numa contemplação perpétua, elevada acima da Humanidade, e essa ambição muito alta, não desprovida de ilusão, acarreta na concepção do Cristianismo e particularmente das relações da Fé e da Gnose as consequências mais graves..."* Seu estilo é sem precisão nem lógica; seu espírito é permeável a todas as ideias. Sua fantasia passeia sem coerência, através de todas as lembranças sagradas e profanas, daí uma verdadeira dificuldade em apreender a sequência.

São Clemente quer distinguir, como nossos gnósticos modernos, uma verdadeira Gnose de uma falsa Gnose, e como eles igualmente, ele dá muita importância a essa distinção, para se diferenciar dos Gnósticos condenados. Depois, no curso de sua obra, ele se esforça por reintroduzir sem clareza o essencial do conteúdo da Gnose herética.

Se a palavra "Gnose" mantém seu sentido grego ordinário de "conhecimento", não se vê a razão de ser de tal insistência. E se se trata de uma querela de palavras, é muito fácil pôr os pingos nos i e renunciar a uma palavra que oferece dificuldade. Em todas as polêmicas, os Gnósticos, ao contrário, se esforçam por impor primeiro a palavra, depois, na sequência de seus expostos, fazem penetrar um sentido novo e inaudito da palavra "conhecimento".

Em toda inteligência ordinária, o "conhecimento" é uma operação do espírito que recebe em si a forma dos objetos conhecidos. Há, portanto, uma identificação com o objeto, mas somente pela forma inteligível, não pela substância. O que quer dizer que essa identidade é formal e não real. O objeto conhecido, embora presente no espírito, permanece presente fora dele, em sua substância, em si mesmo.

Pela palavra "Gnose", nossos gnósticos modernos entendem uma identificação real com o objeto conhecido. Nós nos tornamos a coisa conhecida. Trata-se de um conhecimento reificante, que produz em nós a substância da coisa. Portanto, para eles, conhecer a Deus pela Gnose é realmente tornar-se Deus, é "coincidir" com Ele a ponto de não fazer mais que UM, o que eles chamam "o Retorno à Unidade Primordial". Quem não vê aí que a razão de ser da escolha dessa palavra "A Gnose" tem seu fundamento numa doutrina nova, totalmente contrária ao ensinamento da Igreja.

Aliás, São Clemente ensina que existe uma tradição secreta, um ensinamento esotérico, portanto, de mistérios e iniciações. BOSSUET, em sua polêmica contra Fénelon (2), elevou-se com energia contra essa pretensão de São Clemente.

“*Essas tradições secretas foram na Igreja uma fonte de heresias. Era o último refúgio dos Maniqueus e das outras seitas dessa natureza, dizer que havia segredos de religião que não eram revelados a todos os fiéis. Santo Irineu e Santo Epifânio condenaram essas tradições. Santo Agostinho combateu esse erro dos segredos de religião ocultos aos fiéis em dois tratados sobre São João... Para que se estabeleça o princípio de que essas tradições eram cuidadosamente ocultadas, acrescenta BOSSUET, segue-se que os Padres não ousariam explicar-se senão por meias palavras, de modo que suas expressões sobre esse grande*

mistério devendo ser envolvidas, será fácil, sob esse pretexto, fazer dizer aos Santos Doutores tudo o que se quiser."

Não se poderia dizer melhor. Se os Apóstolos e os Padres da Igreja tivessem conhecido o Simbolismo cosmológico do qual fala o Senhor HANI, eles o teriam mantido secreto e sua duplicidade de então deveria hoje fazê-los perder todo crédito entre os Cristãos.

AS FÓRMULAS DO PANTEÍSMO

Senhor Jean HANI, como todo bom gnóstico que permanece coerente consigo mesmo, aprecia a palavra "Cosmos".

Se a palavra "cosmos" não designasse outra coisa senão aquilo que chamamos de Universo, não se vê a razão de ser de tal escolha de vocabulário. Mas, na verdade, a palavra "Cosmos" carrega em si mesma uma concepção nova do Universo, e veremos que ela é totalmente contrária ao ensinamento da Igreja.

O Universo é o conjunto dos seres que compõem a criação. Cada um desses seres possui sua realidade própria, sua substância. Ele constitui uma individualidade bem distinta da dos outros. Quando se trata de homens, fala-se em personalidade, que nos situa em nossa espécie como um ser singular, único, não intercambiável. A multiplicidade e a variedade dos seres que povoam o Universo constituem uma Unidade de Ordem, mas não de Substância. O Universo não é outra coisa senão os seres que o povoam. Ele mesmo; o Universo, não é uma coisa, nem um ser; é o nome que serve para designar essa coleção de seres; mas essa coleção não tem existência própria. Não se deveria "coisificar" um vocábulo conveniente para substancializar aquilo que ele designa.

O Cosmos é, ao contrário, a palavra própria para designar um único ser, IMENSO, INFINITO, formado de uma única substância e cujos seres que o povoam não passam de fragmentos dispersos, pedaços espalhados que seria preciso reunir em um único conglomerado. Os Gnósticos são obrigados a conceber que esse imenso "Cosmos" é percorrido por um sopro vital, uma energia interna, dita cósmica, comum a todos os seus elementos. Estamos, com o Vitalismo, em pleno panteísmo, e os atributos da divindade são carregados pelo "Cosmos". Tudo isso é absolutamente contrário ao ensinamento constante da Igreja. É preciso sempre manifestar grande desconfiança em relação àquele que emprega a palavra "Cosmos", sabendo bem que esta sustenta uma filosofia panteísta.

Ouçamos sobre este ponto o Senhor Jean HANI:

"O mundo é um organismo harmonioso, hierarquizado, cuja formulação cristã se encontra em Dionísio, o Aeropagita, e por meio deste remonta-se a Platão..."

"A criação é essencialmente o COSMOS sucedendo ao CAOS, ou seja, a Ordem, a organização à desordem, ao 'tohu-bohu' do Gênesis. Ordo ab chao. É o Espírito

penetrando a Substância informe. Da mesma forma, o Arquiteto fabrica um edifício orgânico a partir da matéria bruta e, nessa realização, imita o criador que SE chamou, seguindo Platão, o Grande Arquiteto do Universo, porque, diz ainda o Filósofo, 'Deus é Geômetra'. A Geometria, base da Arquitetura, foi, até o início da época moderna, uma ciência sagrada cuja formulação para o Ocidente vem precisamente do 'Timeu' de Platão e, por meio deste, remonta aos Pitagóricos" (p. 45 de "O Simbolismo do Templo Cristão").

Eis uma bela página de antologia maçônica! Basta reler as pp. 55 e 36 do livro *"Da Gnose ao Ecumenismo"* para encontrar aí desenvolvidas todas as fórmulas acima. "SE" chamou o Criador de Grande Arquiteto do Universo. Quem? SE? Sabemos, por tê-lo estudado em outra ocasião, que este último não é outra coisa senão a Serpente no pensamento dos Mestres da Ordem. Eles sempre o repetiram em seus conciliábulos secretos. Por que a Arquitetura é uma ciência sagrada? Porque é praticada em ritos secretos, os das lojas maçônicas, porque é "a Grande Obra" ensinada por Pitágoras, segundo o dizer dos Príncipes do Sublime Segredo, etc... etc... O Senhor Jean HANI, com tais fórmulas, querará nos fazer crer que não é maçom...

E se quisermos compreender este texto à luz da filosofia do senso comum, cairemos em perplexidades insolúveis. O que é essa Ordem proveniente do Caos (*Ordo ab Chao*)? O Caos, não sendo senão a negação da Ordem, não tem existência própria. Não há, portanto, nem sucessão no tempo, nem produção de um pelo outro. O que é essa "substância informe" ou essa "matéria bruta"? Não é nada. Não se pode ordenar um edifício orgânico a partir do "Nada". O Arquiteto em questão é um criador? E, se não, quem criou essa matéria informe da qual ele precisou para construir seu COSMOS? São tantas questões preliminares às quais o texto do Senhor Jean HANI não permite dar o menor começo de resposta.

“O Templo, ele nos diz, representa, ele é a Natureza regenerada, como a Igreja... (fórmula panteísta). Ele o é na medida em que, por sua própria construção e sua estrutura, já mostra o Espírito descendo na Substância, o Espírito imanente por suas Energias à Ordem do Mundo. O Templo é um COSMOS sacralizado e ofertado" (p. 49).

Encontra-se neste texto a Imanência vital, cara aos nossos modernistas, a Energia cósmica ou elã vital, cara a Bergson e seus discípulos. Quanto à descida do Espírito na Substância, para compreender-lhe o significado, é preciso reler todo o primeiro capítulo do livro *"Da Gnose ao Ecumenismo"*.

O RETORNO AO ESTADO PRIMORDIAL

O Senhor Jean HANI escreve, p. 65:

"Assim como o Templo total, em sua planta, o Santuário, em sua elevação, representa ao mesmo tempo o Homem Arquetípico e o crescimento espiritual do indivíduo humano até sua coincidência com seu Arquétipo, até a 'Estatura de Cristo', como diz São Paulo."

Eis outras fórmulas do Senhor HANI:

“ *"A cessação da rotação do mundo e sua fixação em um estado final é a Restauração do Estado primordial" (p. 37) "A cúpula do transepto é frequentemente encimada por uma cruz ou uma flecha esbelta que materializa o eixo da abóbada, o que significa a Saída para fora do Cosmos. (Vocês não sabiam!) à imitação de Cristo que, na Ascensão, subiu acima de todos os céus" (p. 38).*

Toda a Metafísica (?) de René GUENON se reencontra em tais fórmulas: o homem Arquetípico para designar Cristo, com quem o indivíduo deve coincidir (disse São Paulo, ao que parece). A Ascensão de Cristo "acima de todos os céus" e não simplesmente ao céu significaria a "Saída para fora do Cosmos". Não é possível zombar mais impudentemente da Sagrada Escritura, querendo reduzi-la sistematicamente às elucubrações dos Gnósticos.

Citamos este texto a propósito do Labirinto (p. 108 e 109). Aí reencontraremos, resumido, todo o ensinamento de René GUENON: a Viagem ao centro, a distinção entre corpo, alma, mental, espírito; a expressão "o Si do Homem", realizar o Si, os envoltórios do indivíduo, o Reino de Deus identificado com o centro do Mundo, a concentração no Si, etc... etc... Isso não é francês, é jargão gnóstico, tal como se pode ler a páginas inteiras nas obras ocultistas ou esotéricas que hoje lotam as livrarias.

“ *"Mede-se então a importância e o novo sentido que assume, nessa perspectiva, a deambulação do fiel medieval no labirinto místico. Não era, como dizia com bastante leviandade Cisterney, cônego de Chartres, um 'passa-tempo no qual aqueles que não têm o que fazer perdiam seu tempo a girar'. A eminente dignidade dessa peregrinação, como aliás de qualquer peregrinação, reside no fato de que ela simboliza a verdadeira peregrinação, a verdadeira 'viagem ao centro' que é uma 'viagem interior' em busca do Si.*

O Si do homem não se identifica nem com seu corpo, domínio das sensações, nem com sua alma, domínio dos sentimentos, nem com seu espírito... ou, para empregar a linguagem, seu coração.

Esse espírito, esse coração é ainda chamado, segundo as Escolas Espirituais, o 'fundo', o 'castelo interior', a 'ponta fina' ou o 'cume da alma'. É aí que reside a

essência humana, a 'imagem de Deus no Homem', é aí o centro de seu ser.

E todo o trabalho espiritual, o objetivo único da vida, o unum necessarium, é 'realizar' esse Si, isto é, tomar consciência, com a graça de Deus, de uma forma não discursiva, mas vital e ontológica, de que somente isso é nosso ser verdadeiro, de modo que todos os outros envoltórios do indivíduo se resolvam nesse centro vivo e luminoso, que é 'o Reino de Deus em nós' e que, em virtude da analogia entre o macrocosmo e o microcosmo humano, se identifica com o Centro do Mundo. O Homem que, pela graça de Deus, se estabeleceu nesse centro, vê tudo, o mundo e a si mesmo, com o próprio olho de Deus."

"No esforço, longo e difícil, de concentração que deve fazer sobre si mesmo para operar essa irrupção ao Centro, o Espírito precisa ser sustentado por suportes exteriores, que canalizem as correntes sensível e mental e as façam entrar na perspectiva do objetivo, ajudando assim o Homem a encontrar seu próprio centro. Esse é o papel das imagens, quaisquer que sejam."

Eis uma linguagem que já não tem nada de cristão. As referências a fórmulas escriturísticas não se destinam a fazer compreender a sequência das ideias, mas a dar uma aparência ortodoxa a textos totalmente opostos ao ensinamento da Igreja.

A TEURGIA OU DIVINIZAÇÃO

Enfim, no capítulo VII de "*A Divina Liturgia*", o Senhor Jean HANI nos apresenta as fórmulas mais perfeitas do panteísmo.

O título "Teose" nos indica que o autor vai falar sobre deificação, essa "*operação espiritual pela qual o homem é arrancado de sua condição limitada, individual, sai de seu Eu para ser assumido na personalidade divina, o que é propriamente o objetivo da comunhão com a Carne e o Sangue do Salvador.*" (p. 67). É difícil para ele encontrar suas fórmulas na Sagrada Escritura. Por isso, nosso autor vai buscá-las na Liturgia oriental, onde a linguagem mística permitirá todos os equívocos.

Partimos de São Paulo: "*Deus nos devolveu à Vida com Jesus Cristo. Ele nos ressuscitou com ele e nos fez assentar nos céus em sua Pessoa...*" A repetição da preposição "com" mostra bem que não se trata de uma identificação, mas de uma comunhão, de uma convivialidade. O homem é chamado a compartilhar a vida divina, a participar da Felicidade perfeita.

O rito bizantino diz bem: "*Essa natureza de Adão que renovaste, ó Deus, tu a elevas hoje Contigo acima dos Principados, etc... O Filho de Deus os (os homens) incorporou a si e os colocou à Direita do Pai...*"

Mas as fórmulas da Liturgia Oriental visam às vezes ao panteísmo. São Gregório de Nissa escreve: "*O homem foi concebido com ordem de tornar-se Deus.*" São João Crisóstomo: "*Deus misturou seu sangue ao nosso para fazer de nós, os homens, um só ser com ele.*" Máximo o Confessor: "*Pela santa participação nos puros e vivificantes Mistérios (a Missa), o homem recebe a intimidade e a*

Identidade com Deus; por ela o homem obtém tornar-se Deus, de Homem que era."

No entanto, a Liturgia Romana evita cuidadosamente qualquer fórmula que possa levar a um sentido panteísta. Ela fala sempre de participação e não de Identificação. Exemplo: "*Deus, que nos tornas participantes de tua única e soberana Divindade*". (Há um só Deus e tomamos parte em sua divindade) "*Ó Deus, faze que pelo mistério desta água e deste vinho, tenhamos parte na divindade daquele que se dignou unir-se à nossa humanidade, Jesus Cristo.*"

Em Jesus Cristo, a natureza humana não foi absorvida em sua natureza divina, de tal modo que não fosse mais humana. Deus é perfeitamente homem e perfeitamente Deus. Da mesma forma, nossa natureza humana não será absorvida na natureza divina de tal modo que nos tornemos Deus, que coincidamos com Ele, como diz o Senhor Jean HANI, que nos identifiquemos com Ele numa única Divindade Total, o Pleroma de nossos Gnósticos.

Não! A Liturgia nos fala sempre de Participação. Nossa natureza humana, embora permanecendo distinta da de Deus, será elevada a uma vida divina; ela não será destruída, nem consumida, mas assumida, ou seja, erguida e unida a Deus pelo vínculo fortíssimo da visão face a face, beatificante.

No entanto, o Senhor Jean HANI continua: "*Todos esses textos que acabamos de citar dizem claramente que a Missa é o lugar onde se realiza a Deificação por meio de uma verdadeira transmutação do Homem.*" (p. 155) O que quer dizer que a natureza humana será perdida e que uma natureza divina se substituirá a ela. Caso contrário, que sentido inteligível se pode dar à palavra "transmutação"?

Para concluir, este texto muito esclarecedor:

“*Quando o homem integrou sua personalidade divina, pode-se dizer que a Imagem de Deus nele alcança seu Arquétipo celestial. Essa é a definição metafísica da Salvação. (Metafísica no sentido guenoniano da palavra: transmutação de uma natureza. O homem é divino por sua própria substância. O retorno ao estado primordial é uma integração de si à divindade).*

É ao mesmo tempo o ato pelo qual o Sacrifício de Deus do qual falamos e que é como a exteriorização de Deus em sua Criação é anulado, redimido, se assim se pode dizer. Pois, nesse ato, o Homem renunciou a si mesmo em seu estado exteriorizado para refazer em sentido inverso o trajeto de Deus indo à Criatura, de modo que a Criatura retorna ao seu princípio.

E com ela toda a Criação, pois o homem, ao integrar o Si, não faz sozinho o caminho de retorno a Deus. Espelho e resumo do Mundo, microcosmo, ele arrasta todo o Cosmos no caminho, a seguir de Cristo, que primeiro, como Homem-Deus certamente, mas também como Homem, operou a redenção de todo o Cosmos." (p. 163).

Pensa-se, ao ler uma tal profissão de fé panteísta, nas fórmulas pelas quais Cristo disse que não veio para salvar o Mundo, que Satanás já era o Mestre deste Mundo, que, sofrendo sua paixão, quis resgatar os pecados dos Homens para salvá-los e tirá-los deste Mundo, que haveria uma nova Terra e Novos Céus, etc... etc...

Enfim, Suprema Zombaria: o sacrifício de Deus é anulado pelo retorno do Homem ao seu princípio, ou seja, à sua natureza divina primeira. Pergunta-se realmente para que pôde servir um tal sacrifício de Deus! Se o homem é capaz pela Gnose (Conhecimento divinizante do Si) de reencontrar seu princípio e integrar sua personalidade divina primitiva, se é o Homem que renunciou a si mesmo para refazer o trajeto de Deus, o Sacrifício de Jesus Cristo é perfeitamente inútil. É, portanto, o Homem que, por seu ato de Integração, redimiou o Sacrifício de Deus, "se assim se pode dizer", claro, mas ousou-se dizê-lo!

E. C.

(1) "Pela razão bem simples de que" é admirável. Havíamos ignorado até hoje que a imersão no sensível era a razão suficiente dos símbolos cosmológicos.

(2) Por ocasião da leitura de uma obra secreta e inédita de Fénelon, intitulada: "*O Gnóstico de São Clemente de Alexandria*".